

Introdução: O que é um autor

Este número da *Revista Estranhar Pessoa* inclui um Caderno dedicado ao conceito de autor em Pessoa, problema crítico que desde o início do *Projecto Estranhar Pessoa* tem sido norteador dos trabalhos da equipa. Na tradição crítica pessoana, a reflexão sobre o conceito de autor foi condicionada pela supremacia dada à heteronímia enquanto questão decisiva para a compreensão da poética e poesia de Pessoa. Sendo a heteronímia frequentemente considerada como a resposta ontológica e estética precisamente a esta problemática, a sua imposição pela crítica como núcleo a partir do qual são pensados todos os discursos poéticos e teóricos pessoanos obnubilou, quando não mesmo rasurou, a equação destes problemas noutros termos que não os ditados pela heteronímia. Um dos objectivos do *Projecto* foi a reequação do problema do autor em Fernando Pessoa, suspendendo precisamente essa centralidade concedida à heteronímia.

No *Estranhar Pessoa*, o escrutínio das pretensões heteronímicas concedeu às questões de autoria uma autonomia de análise cuja evidência de resultados em parte se anunciam com um título como *O que é um autor*. Pretendemos que o título do colóquio funcionasse precisamente como um desafio: retomando o de Foucault, suspende a sua interrogação final, e com essa rasura e numa assertividade algo provocante, faz da sua declaração todo um programa crítico. Com este título, estranhou-se o de Foucault e, com a sua réplica, sinalizou-se a particular perspectiva que este *projecto* visou imprimir aos estudos pessoanos, particularmente no que diz respeito à questão da autoria.

Nesse sentido, o título pretende responder à tradição crítica pessoana, que foi lendo e dando a ler Pessoa como não-autor ou como exemplo máximo da explosão (ou da implosão) de tal conceito. Gustavo Rubim, em “O hiper-autor”, remete para a revisão dessa tradição crítica. O seu ensaio percorre os sinais de uma ideia pessoana de autor profundamente associada à noção de génio e de uma ordem superior, em que a escrita e a publicação de livros obedecem a um desígnio histórico e transcendental que os livros realizam. Pessoa surge, assim, como resultado, não de uma desagregação ou de uma crítica, mas de uma exacerbação hiperbólica da noção moderna de autor, ou seja, de uma visão da escrita literária que, de acordo com um fragmento com data provável de 1913, seria “a auto-expressão esforçando-se por ser absoluta”.

Na leitura de Gustavo Rubim, é dado um lugar de destaque à carta que Pessoa envia a Adolfo Casais Monteiro a 13 de janeiro de 1935, a famosa “carta sobre a génese dos heterónimos”; e é à leitura desse texto que também Jorge Uribe se dedica em “Autoria, evolução e sentido: apontamentos para uma releitura da «Carta sobre a génese dos heterónimos»”, considerando diferentes momentos da sua recepção crítica, desde a sua primeira publicação, em 1937, até aos nossos dias, sustentando-a como decisiva para o entendimento crítico de Pessoa enquanto autor. Para além disso, recolhem-se e confrontam-se os materiais genéticos do espólio relacionados com a produção da carta e do relato nela contido. De acordo com o ensaísta, a análise simultânea das possibilidades de leitura do texto e da história da sua materialidade oferece a oportunidade de uma leitura em que ficção e filologia concorrem para a interpretação de Pessoa enquanto autor de textos sobre o seu processo criativo.

As questões da autoria e da celebridade andam, em Pessoa, frequentemente ligadas. O ensaio de João Dionísio, “Grandeza, génio, transmissão”, ocupa-se de alguns aspectos da noção de fama literária para Fernando Pessoa, considerando o uso desse campo lexical e de outros alternativos. O *corpus* sob análise, publicado desde “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” e dos seus artigos sucedâneos (*A Águia*, em 1912) até “Nós os de *Orphen*” (*Sudoeste*, em 1935), foi confrontado, neste estudo, com alguns documentos do espólio. Na parte final do ensaio, mais baseada em textos de outro tipo (sobretudo epistolar), João Dionísio reflecte sobre maneiras de editar enquanto garante da circulação de textos no espaço e no tempo: na medida em que a condição de grandeza está dependente de mecanismos de reconhecimento e, portanto, de transmissão, a questão editorial ganha um significado particular neste âmbito.

Madalena Lobo Antunes, em “Fernando Pessoa: entre Milton e Shakespeare”, discute as presenças de John Milton e de William Shakespeare no pensamento crítico de Fernando Pessoa enquanto modelos para a elaboração de uma possível obra, tendo ambos tido um papel crucial na construção da identidade autoral do poeta português.

Nuno Amado propõe em “Adultismo para Brinquedos” uma análise detalhada de *Antinous*, defendendo o longo epicéδιο publicado em 1918 como uma versão poética de uma tese peculiar acerca da autoria: a de que entende o desejo de fazer arte como o equivalente adulto do impulso infantil que leva uma criança a entreter-se com brinquedos, tal como expressa por Campos, num verso da “Saudação a Walt Whitman”, ou numa carta

de Pessoa a Ronald de Carvalho. Assim, no ensaio, a actividade de estatuário a que o imperador Adriano promete dedicar-se depois da morte de Antínoo corresponde, acima de tudo, a um modo adulto de lidar com a inevitabilidade da perda do brinquedo com que se entretinha enquanto jovem.

O ensaio de Ana M. Ferraria, “O nascimento de um autor”, defende a concepção do *Livro do Desassossego* como teoria e prova daquilo que Pessoa poderia ter definido como autor exemplar, considerando, com esse intuito, aspectos que parecem justificar a singularidade deste livro.

O terceiro número da *Revista Estranhar Pessoa* inclui ainda uma Secção Genérica, em que se apresenta o artigo de Patrícia Vieira, “Learning from Plants: Fernando Pessoa’s *Phytographia*”. Neste estudo, analisa-se a relação de Caeiro com as plantas como uma proto-fenomenologia e um exemplo do que se define como “realismo superficial,” uma abordagem à realidade que abandona a busca pela profundidade, considerada como uma construção metafísica obsoleta; conclui-se com uma interpretação da heteronímia de Pessoa e da sua inautenticidade como um exemplo de fitografia, uma escrita influenciada pelo modo de estar no mundo das plantas.

Este número da *Revista Estranhar Pessoa*, tal como os anteriores, visa dar a conhecer um conjunto de artigos de reconhecidos especialistas pessoanos, assim como de investigadores mais jovens, cujas contribuições científicas têm vindo a ser reconhecidas no campo. O Caderno *O que é um autor* constituiu-se maioritariamente por artigos decorrentes de intervenções no âmbito do colóquio homónimo, decorrido a 31 de Março e a 1 de Abril de 2016 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Rita Patrício e Gustavo Rubim

Outono de 2016